OLHARES SOBRE A OBRA DE NATÉRCIA ROCHA

ÂNGELA BALÇA

1. Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer a algumas pessoas e instituições, que tornaram possível este texto e esta comunicação — à Biblioteca Municipal de Redondo e aos seus funcionários, Sr. José Faustino do Monte e D. Maria da Graça Boavida, pela forma como nos receberam e pelo empréstimo sem reservas de várias obras de Natércia Rocha; à Associação dos Amigos da Ludoteca de Évora e à professora Ilda Coelho, pela disponibilidade e pelas filmagens aí realizadas, que deram origem ao filme que exibiremos nesta sessão.

2. *Olhares sobre a obra de Natércia Rocha* é um texto que procura apresentar de uma forma genérica os livros para crianças desta autora. Pretendemos apenas lançar um olhar sobre cada um desses livros e, através deles, entender os diferentes olhares que nos proporcionam sobre a criança, o ambiente e a vida.

Num primeiro momento, iremos debruçar-nos sobre a obra de Natércia Rocha no campo da história da literatura infanto-juvenil.

Em seguida, tentaremos dar uma panorâmica do que é a obra de Natércia Rocha no campo da literatura infanto-juvenil. A sua obra literária abarca todas as faixas etárias, desde as crianças mais pequenas até aos leitores pré-adolescentes e foi editada em Portugal e no Brasil, contribuindo «[...] para o estreitamento das relações luso-brasileiras que se querem duradouras e, por isso, tomam como ponte a literatura destinada

aos jovens» (1). Nos seus livros notamos sempre a sua faceta de pedagoga aliada à de escritora. De um modo geral, a par com os textos literários convivem sugestões, conselhos ou mesmo estratégias pedagógico-didácticas para a exploração dos mesmos, numa preocupação constante em auxiliar o adulto que acompanhe as leituras dos mais novos. As temáticas cultivadas pela autora revelam as suas preocupações na formação dos jovens leitores, centrando-se na amizade, na tolerância para com o outro, no conhecimento da civilização ocidental, na protecção e defesa do ambiente.

Numa pequeníssima biografia de Natércia Rocha, afirmava-se que para a autora «Escrever é uma paixão para toda a vida!». Propomos com este texto que partamos à descoberta desta paixão, conhecendo um pouco melhor as magníficas histórias que Natércia Rocha escreveu para os leitores mais novos e para nós.

3. A obra de Natércia Rocha tem-se desenvolvido no campo de estudos da história da literatura infanto-juvenil. Esta área de investigação foi alvo de alguns estudos, ao longo do século XX. Gostaríamos de os referir, para que melhor possamos compreender e contextualizar os estudos de Natércia Rocha.

Em 1928, Henrique Marques Júnior publica a obra *Achegas para Uma Bibliografia Infantil*, onde evidencia já a necessidade de um trabalho histórico-bibliográfico de carácter crítico, para que outros investigadores possam realizar as suas pesquisas. Depois, já nos anos 70, Esther de Lemos profere uma conferência, nas célebres conferências organizadas pelo Ministério da Educação, sobre literatura infantil. Essa conferência foi publicada numa brochura do Ministério da Educação e intitula-se *A Literatura Infantil em Portugal*. Naturalmente que sujeita aos condicionalismos políticos da época, ela não deixa de ser uma importante contribuição na área da história da literatura para crianças em Portugal. Já nos anos 80, Maria Laura Bettencourt Pires publica o seu estudo *História da Literatura Infantil Portu-*

guesa. Sendo também uma contribuição de valor, esta autora não faz um estudo muito aprofundado, ignorando completamente as grandes mudanças que estavam a ocorrer na literatura infanto-juvenil em Portugal, no final da década de 70 e início da de 80.

É portanto dentro deste contexto que surgem os estudos de Natércia Rocha neste campo de investigação — em 1984 é publicada a obra *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* e em 1987 a obra *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças*. Podemos então calcular a importância destas duas obras para o conhecimento da literatura infanto-juvenil em Portugal. Com a sua obra *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, temos pela primeira vez um estudo de fundo, o mais completo possível, tendo em conta as características da edição, da história da literatura para crianças em Portugal, onde a autora se preocupou em documentar os factos des e o século XVI até ao século XX. Neste estudo encontramos as tendências literárias conjuntamente com os autores e as obras que nelas se inserem. A autora evidencia a preocupação de abarcar todos os géneros da literatura para crianças — a narrativa, a poesia e o teatro —, não esquecendo outras modalidades de publicações para os mais novos, como sejam a imprensa (jornais e revistas) ou a BD. Nesta obra, a autora não descura os aspectos sociais, culturais, ideológicos e políticos que marcaram a evolução do conceito de criança e a sua relação com a evolução da escola e do livro infantil.

Já a obra *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças*, que a própria autora considera como a continuação do trabalho de Henrique Marques Júnior, afirmando mesmo «É afinal a continuação do projecto de Henrique Marques Júnior [...]» (14), constitui uma exaustiva bibliografia da literatura infanto-juvenil portuguesa, tornando-se num precioso documento de trabalho para qualquer investigador nesta área que pretenda fazer um estudo sério, cuidado e rigoroso.

4. É porém na área da literatura infanto-juvenil que podemos encontrar uma grande parte da obra de Natércia Rocha. Sendo a sua obra para crianças vasta (afirmamos desde já não termos a pretensão de referirmos exaustivamente todas as obras escritas e publicadas pela autora), iremos abordá-la em diversos itens.

4.1. Assim, gostaríamos de começar pela obra *Carrossel de Palavras* (1989), um dicionário ilustrado para os mais novos. O dicionário apresenta a palavra e em seguida uma pequena explicação, de carácter lúdico, muitas vezes em forma de diálogo, onde se mostra à criança os diferentes significados dessa mesma palavra. Este dicionário, colorido e atractivo, tem como objectivos aumentar e desenvolver a capacidade lexical da criança, de uma forma lúdica, e é com certeza um bom começo para que as crianças dos anos finais da educação pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico se possam ir familiarizando com estas ferramentas de trabalho.

4.2. Ainda dentro do âmbito da educação pré-escolar, encontramos a colecção Ver e Ler, onde Natércia Rocha assina vários títulos, com ilustrações de Isabel Pissarra — *História de uma Boneca, História de um Gato*, entre outros. São pequenos álbuns, com micro-histórias, cujas ilustrações assumem um importante papel, visto que elas apresentam uma função lúdica. No final da história, faz-se um apelo à criança para que descubra o protagonista da história, que está escondido na imagem. Deste modo, a criança está atenta à história e ao jogo que lhe é proposto. Já na parte final dos livros surgem alguns conselhos e sugestões para que o adulto possa abordar com a criança o mundo dos livros. Assim, as primeiras sugestões são de carácter geral e pretendem aproximar a criança e o livro, aconselhando o adulto a deixar a criança mexer, folhear o livro e perceber as regras da língua escrita. As outras sugestões estão mais ligadas à compreensão da história em si. São assim propostas algu-

mas estratégias, que permitirão ao adulto por um lado perceber se a criança compreendeu a história e por outro promover o desenvolvimento da linguagem verbal oral por parte da criança, já que apelam para que esta fale, comente ou invente outro final para a história. Esta colecção de pequenos álbuns apresenta assim evidentes preocupações pedagógico-didácticas.

De referir ainda a pequena história, publicada na colecção Caracol, *No Quarto da Rita*, ilustrada por Jorge Palha, onde a protagonista hesita em comer o último bombom de uma magnífica caixa de chocolates, reflectindo esta história aspectos caros ao imaginário infantil: os tesouros, geralmente bem guardados (neste caso no armário do quarto da Rita) e as guloseimas, materializadas numa caixa de bombons de sonho. Não podemos deixar de fazer uma referência à linguagem cuidada e incisiva desta história, onde encontramos uma adjectivação rica e uma utilização muito expressiva dos verbos, que nos dão uma ideia exacta da acção e dos sentimentos da protagonista, contribuindo deste modo para o aumento e o enriquecimento lexical dos leitores mais novos. Assim, é de notar como a adjectivação e o emprego expressivo de alguns verbos tornam a caixa de bombons bem apetecível: «Havia lá uma caixa enfeitada com desenhos e fitas de cor onde morava um bombom redondo, rechonchudo, atafulhado de creme cor-de-rosa. A embrulhá-lo, papel dourado; a aconchegá-lo, papel frisado» (2).

As acções e os sentimentos da Rita são também transmitidos através de uma série de verbos muito expressivos e empregues de uma forma gradativa. Assim, no início da história, a Rita «abria» as portas do quarto, do armário e a tampa da caixa de bombons; no final da história, após a Rita ter durante vários dias cobiçado e resistido a comer o bombom, ela decide fazê-lo e ansiosamente a Rita «[...] empurrou a porta do quarto, escancarou a porta do armário, fez saltar a tampa da caixa... e comeu o bombom de barriguinha cor-de-rosa e capa de papel dourado» (14).

4.3. Para a faixa etária dos 5 aos 8 anos, sensivelmente, Natércia Rocha escreveu vários álbuns de contos como *Uma Nuvem entre Telhados, O Menino e o Vento* (obra premiada com o Prémio Nacional do Ambiente para a Literatura Infantil), *Contos de Agosto, Histórias com Gatos, Cães e um Automóvel.* São livros com pequenos contos, onde a autora dá largas à imaginação e à fantasia, colocando em cena personagens tão díspares como animais (cães, gatos, baleias, pulgas, ratos, aranhas), elementos da natureza (vento, nuvens, ondas, ribeiros, montanhas, árvores), objectos diversos (lápis, cadernos, borrachas, vassouras, automóveis), fadas e bruxas. Todas estas personagens vivem inúmeras aventuras, partilham com os leitores mais novos diversos sentimentos.

Em muitas destas histórias o sentimento forte e omnipresente é a amizade, sentimento que leva os protagonistas a auxiliar os seus amigos a realizar os seus sonhos, a contribuir de alguma forma para a sua felicidade. É por amizade que em *Uma Nuvem entre os Telhados,* Víctor ajuda a sua amiga nuvem, a Carlota, a reencontrar as suas irmãs, das quais se tinha perdido: «A Carlota ficou de novo com ar preocupado. E eu sem saber o que fazer... Também não podia deixá-la para ali sozinha, não é? Agora já nos conhecíamos, éramos quase amigos» (17); em *O Menino e o Vento,* será pelo facto de serem grandes amigos que Luís auxilia o seu amigo Ventinho a não ser castigado pelo pai; também em «A montanha sem flores», por amizade o vento tenta trazer a felicidade a uma montanha seca que queria conhecer e sentir a natureza; nos contos «A árvore dos tesouros» e «Baleia em terra», os protagonistas vão realizar os sonhos de uma árvore, que queria ver o mar e navegar e de uma baleia, que desejava conhecer a terra; em «As compras de D. Emília», uma vassoura triste e sem serventia acabou por se sentir útil ao tornar-se na casa dos seus amigos ratinhos «Escondidos os ratinhos esperavam que passasse o temporal para voltarem ao abrigo da saia de palha da sua querida amiga» (41); também a amizade prevalece em «As aflições da pulga Lili»,

quando a sua amiga Fifi a convida para morar com ela, já que a Lili ia ficar sem casa para viver: «Mas os amigos são para as ocasiões difíceis, não é verdade? E situação bem aflitiva era aquela que a Fifi enfrentava» (13).

Noutras histórias prevalece uma função lúdica, de puro divertimento para os leitores mais novos, através das diferentes peripécias e aventuras das mais diversas personagens — é o caso do conto «Os calções de veludo do rei», onde um reizinho, que era uma criança e que tentava divertir-se como tal, levou um par de açoites de um padeiro, por andar a tocar às campainhas dos seus súbditos, na calada da noite; em «Que coisa mais louca!» conta-se a história insólita de duas bruxas que tinham medo de crianças, observando-se assim uma curiosa inversão de motivos e de padrões estabelecidos nos contos para crianças; em «Um cachorro tagarela» conta-se a história de um cão que durante o seu passeio acaba por aprender as vozes dos outros animais, falando com eles e baralhando completamente uma raposa ladina, que, em vez de encontrar uma galinha ou um borrego, depara-se com um cão; em «Uma fada distraída» mais uma vez o insólito está presente, já que uma fada muito despistada vai em auxílio das árvores e das plantas, acabando por baralhar tudo: «E foi nesse ano que a nespereira nova deu... abóboras e a macieira velha deu... azeitonas. Mas o morangueiro estava feliz: os seus pés eram altos, muito altos e a bicharada rasteira não chegava aos frutos; mas estes, habituados à proximidade do chão, tremiam de medo lá nas alturas a que Cerejinha os fizera nascer.» (33)

Por vezes este elemento lúdico é também dado pela linguagem, uma vez que em determinados contos aparece-nos o emprego de verbos expressivos, de rimas ou o jogo de nomes próprios semelhantes — é o caso do conto «Aventuras de um automóvel», onde a autora utiliza verbos expressivos e rimas para nos falar de um carro caprichoso, que só fazia o que lhe apetecia: «Pois o carrinho volta não volta amuava, rabujava e não andava. Logo o dono ia ver a gasolina, a valvulina, a pres-

são e mais o travão» (56); nos contos «O meu caderno novo» ou «Um passeio de barco», encontramos uma sonoridade, conseguida através das rimas e uma forma gráfica, que nos faz lembrar as lengalengas; em «Marina e Marieta», a confusão pelo facto de serem gémeas prolonga-se e aumenta com a semelhança de sonoridade dos seus nomes próprios « — Isso é tão fácil de resolver! — disse a Marina; ou seria a Marieta? / — Tão fácil! — disse a Marieta; ou seria a Marina?» (21).

4.4. A obra de Natércia Rocha contempla também outras faixas etárias e outras temáticas que se adequam às mensagens e aos valores que a autora quer transmitir aos seus leitores. Assim, temos um conjunto de obras cuja temática é o ambiente, o conhecimento, a sensibilização, a protecção da natureza e do mundo que nos rodeia. Dentro desta linha temática, inserimos as obras *Penas Brancas pelo Ar*, *Um Gato sem Nome*, *Um Segredo... Dois Segredos...* e *Mimi e Ludovico*. Com as duas primeiras obras, a autora foi galardoada com o Prémio Nacional do Ambiente para a Literatura Infantil. Em todas estas obras mencionadas, a grande intenção da autora é dar a conhecer e alertar os jovens leitores para a protecção dos animais, da natureza em particular e do ambiente em geral. Este alerta é feito através de textos literários, mas onde se confunde por vezes literatura e didactismo (3).

As preocupações de carácter pedagógico são bem visíveis em *Penas Brancas pelo Ar*, uma vez que no final da história se encontra um texto informativo sobre as cegonhas (os animais de que nos fala a história), onde se explica às crianças aspectos da vida e do *habitat* destas aves, que não caberiam obviamente num texto literário. Em *Penas Brancas pelo Ar* conta-se a história, muito actual, de um menino da cidade, o Carlos, que descobre o mundo rural e que aprende a viver e a gostar dele. Através da descoberta das cegonhas, Carlos descobre «uma nova forma de olhar o mundo», de encarar a natureza: «No comboio o Carlos recordou aqueles poucos dias passados na

terra do pai. Engraçado! Ainda na semana anterior nada sabia de cegonhas em ninhos feitos nas chaminés! E agora estaria disposto a bater-se em defesa daqueles animais de pernas altas.»; «Na tranquilidade da sala vazia, Fernando esperava... Sorria. Tudo correra bem. Carlos tinha descoberto uma nova forma de olhar o mundo.» (37/38).

Pelo caminho, vão escapando, ao longo da história, algumas informações sobre a vida das cegonhas, passadas inteligentemente pelos dois Pedros — Pedro, o primo de Carlos e Pedro, a cegonha macho: «As cegonhas ficam um mês em cima dos ovos a chocá-los sem nunca abandonarem o ninho e durante esse tempo falavam dos filhos, das viagens, dos alimentos, das companheiras que se tinham perdido, daquelas que os homens tinham morto e daquelas que os homens tinham acarinhado. O Pedro arranjava tempo para nos dizer como limpava os campos de ratos, toupeiras e cobras.» (26/27)

Um Gato sem Nome é uma divertida história, onde a protagonista, a Cláudia, torna o dia do seu aniversário num dia insólito — ela recebe prendas, mas também dá prendas aos seus convidados. Cláudia, que podia ouvir os pensamentos dos outros, deu-se conta de como eram infelizes os animais que estavam à venda numa loja. Assim, ela ofereceu cada animal a cada um dos seus convidados, dando-lhes um dono que cuidasse deles. Porém, esta história pretende ainda fazer reflectir as crianças sobre a forma como os animais devem viver e como devemos cuidar deles. Assim, a história divide-se em duas partes — na primeira são apresentados os animais e algumas das suas características; na segunda, as crianças, com base na primeira parte da história, terão de descobrir porque é que cada animal foi entregue a um convidado específico, percebendo deste modo quais as características e o tipo de *habitat* de cada animal.

Em *Um Segredo... Dois Segredos...*, uma obra onde nos parece que o pendor pedagógico é mais acentuado, conta-se a história de Sara e da avó Mariana e dos seus animais secretos — o

lobo e o lobo-marinho. Surgem-nos assim aspectos do imaginário popular acerca dos lobos, com referências à história do Capuchinho Vermelho e à vida nas aldeias serranas, para que se possa fazer a apologia do lobo, contextualizando o seu *habitat* e hábitos de sobrevivência. O mesmo acontece em relação ao lobo-marinho, uma vez que ao longo da história, procura-se localizá-lo no espaço e perceber qual o seu *habitat*. Contudo, o alerta para a situação em que se encontram estas espécies e para os perigos da extinção são uma constante muito forte ao longo da história. Por outro lado, tenta-se formar a consciência dos mais novos, não só para as questões de carácter ambiental, mas sobretudo para uma nova forma de olhar os animais (com especial ênfase para o lobo), acabando com representações antiquadas e desajustadas e levando à compreensão da vida animal: «Achas que esse teu "namoradinho" ainda está vivo entre os menos de quinhentos exemplares de lobos-marinhos que conseguiram sobreviver nas águas quentes onde se instalam?» (45); «E tantos têm sido mortos que já poucos existem no nosso país e mesmo em toda a Península Ibérica. Se não forem bem protegidos, em breve terão desaparecido todos. E sempre que uma espécie animal desaparece, o mundo fica mais pobre...» (56)

Na novela *Mimi e Ludovico*, a temática do ambiente surge-nos numa outra das suas múltiplas vertentes. Nesta pequena e divertida novela, que apresenta também um grande pendor pedagógico, conta-se a história de um grupo de crianças, que vivem no mesmo prédio e que partilham os seus brinquedos e os seus animais de estimação. Notamos deste modo a preocupação, evidenciada pelas crianças, em relação aos animais a seu cargo (veja-se as inquietações da Cláudia, da Teresa e do Pedro com a alimentação da Zeca, a tartaruga) e em relação ao facto de as famílias habitarem no mesmo prédio e mal se conhecerem entre elas. Desta forma, nesta novela alerta-se os leitores para as relações humanas e para a sua influência e importância na vida do homem e no seu relacionamento com o mundo

que o rodeia: «Devo ter exagerado um pouco, mas eu queria era mostrar a mim própria que a qualidade do ambiente começa nos seres humanos, em nós mesmos. [...] A defesa do ambiente deve incluir as relações humanas, a maneira como convivemos.» (72) No final do livro, a autora escreve uma carta aos leitores, pedindo a sua colaboração para interpretarem e reflectirem sobre a história, propondo aos adultos, que acompanhem a leitura desta novela, algumas estratégias pedagógico-didácticas para trabalho futuro.

4.5. As temáticas de fundo histórico e mitológico são também cultivadas por Natércia Rocha e nelas incluímos duas novelas para os jovens leitores — *O Menino de Guimarães* e *O Julgamento de Páris*. Em relação à primeira obra, surge-nos uma novela contada no feminino, que nos dá uma representação já aceite do rei D. Afonso Henriques, apresentando-o, ao longo da sua vida, como guerreiro, como homem de poder, fortemente decidido e determinado. Porém, aparece-nos um outro Afonso Henriques, desde a mais tenra infância, amigo, carinhoso e apaixonado por uma bela moura. Todavia, acima de tudo esta novela empolgante é uma novela feminina, que nos dá uma outra visão sobre os primeiros reinados da história de Portugal. As suas protagonistas acompanham os reis de Portugal e tecem uma teia de poder que enreda os próprios reis, sem que eles se apercebam, dando a entender ao leitor como as mulheres, ao longo da história, foram mandando e orientando subtilmente, na sombra, fazendo crer na menor importância do seu papel, quando, na realidade, ele era determinante. Ana e Sancha ou Zaida (conforme o seu nome seja cristão ou mouro) criam e crescem com Afonso Henriques, tendo sobre ele uma enorme influência. Se Sancha foge para junto do seu povo, fugindo à sua paixão correspondida por Afonso Henriques, Ana acompanhará de perto toda a vida do rei. Será ela, conjuntamente com Sancha, a grande urdidora da teia de relações que manterá a sua família sempre no poder. Ela é sem dúvida a matriarca, cuja

influência se irá prolongar mesmo após a sua morte até pelo menos à sua neta, Sancha Teresa: «Sancha Teresa medita sobre o que sabe e o que acabou de ouvir. Tudo se liga, tudo se enreda numa finíssima teia, a teia de Ana.» (94) Embora a sua acção se situe em plena Idade Média, esta novela é extremamente actual, visto que faz apelo à tolerância, ao respeito e à amizade entre os povos, neste caso entre cristãos e mouros — este apelo é bem visível na grande amizade entre Ana e o velho curandeiro mouro: «Ambos sabem que os riscos são muitos. Mas a amizade que os une será capaz de vencer todas as dificuldades!» (52); entre Ana e Sancha ou mesmo entre Sancha e Aldonsa, salvando a moura a jovem amiga cristã; ou ainda no respeito e na admiração revelada pelo cristão Nuno Gonçalo pelo seu irmão mouro e rei.

Em *O Julgamento de Páris*, Natércia Rocha fala-nos da guerra de Tróia, já abordada sob vários ângulos e de várias formas por outros autores de literatura infanto-juvenil — recordemos, a título de exemplo, as reescritas *A Ilíada*, de João de Barros ou *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres. Nesta novela Natércia Rocha apresenta aos jovens leitores uma visão diferente da guerra de Tróia, mostrando como tudo terá começado. Parece-nos igualmente que esta novela nos é narrada no feminino. São as deusas e as mulheres que acabam por influenciar e determinar a vida, o destino, a sorte do protagonista da novela, Páris, e da cidade de Tróia. Assim, perante o oráculo que profetizava que Páris destruiria Tróia, sua mãe Hécuba desobedece às ordens do rei, seu marido, poupando a vida do filho: «Mas a mãe procura proteger o filho; ele será abandonado nas montanhas. Talvez os deuses se compadeçam dele... Talvez os animais sejam menos cruéis...» (12) Depois são as deusas Hera, Atena e Afrodite que vão influenciar a vida de Páris, quando Zeus ordena que ele resolva o desafio lançado pela deusa Éride. Será Afrodite a determinar o destino de Páris, quando lhe oferece o amor da mulher mais bela do mundo, Helena. Por fim, será Helena a mulher que vai desencadear a concretização da

profecia do oráculo: ela irá originar a guerra de Tróia e a consequente destruição da cidade: «Para lá das muralhas ficam as mulheres e as crianças. Helena é para elas uma mulher perigosa, nefasta; ela arrastou gregos e troianos para uma luta sem tréguas.» (68) Ao longo de toda a novela são-nos transmitidas as preocupações e as mágoas de Hécuba e de Helena, passando para os leitores os conflitos interiores das duas mulheres que mais directamente talvez terão contribuído para a destruição de Tróia — Hécuba porque poupou a vida de Páris; Helena porque a sua inigualável beleza trouxe a guerra e a destruição de Tróia. Esta novela traz aos leitores mais jovens não só uma das histórias mais célebres da Antiguidade Clássica, mas também apresenta simultaneamente uma visão dos sentimentos humanos, contraditórios, obrigando a decisões difíceis e ao aceitar das suas consequências.

4.6. Por fim, Natércia Rocha é ainda co-autora, com Carlos Correia e Maria Alberta Menéres, de uma colecção de aventuras — a 1001 Detectives —, na senda das colecções de Enid Blyton, que tanto têm caracterizado o panorama editorial português, nas últimas duas décadas (4). Esta colecção, que já possui vários títulos, conta-nos as aventuras de dois irmãos, Gabriel e Maria David, em busca de resolverem os mais intrincados mistérios. Curiosa e original é a parte final destas aventuras, onde os autores suspendem a narrativa antes de apresentarem a solução do mistério. O objectivo é os leitores tentarem, com os dados fornecidos até aí, descobrirem sozinhos qual é a solução do mistério. Só no capítulo seguinte se apresenta uma conclusão para a história, com um número mínimo de pistas apresentadas ao longo da mesma, para que os leitores possam utilizar, na sua proposta de resolução, outras pistas diferentes e que também foram lançadas no decorrer da acção.

5. Ao longo deste texto tentámos lançar alguns olhares sobre a obra para crianças de Natércia Rocha. Não gostaríamos

de concluir sem deixarmos a noção de que algumas linhas de fundo atravessam toda a sua obra, linhas essas que eu sintetizaria em poucas palavras — a grande amizade e respeito pelo homem, pelo mundo, pela vida.

Notas

(1) Nelly Novaes Coelho, contracapa da obra de Natércia Rocha *Um Gato sem Nome*, Melhoramentos de Portugal Ed., Série Azulão, 1992.

(2) Esta pequeníssima biografia está inserida no início do obra de Natércia Rocha, *O Menino de Guimarães*, Porto, Edinter Ed., 1991.

(3) A própria Natércia Rocha tem consciência desta confusão e de como é difícil ficar isento dela, uma vez que afirma na sua obra *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*: «É de registar que o pendor pedagógico deitou raízes tão fundas que hoje, quase no século XXI, é ainda necessário fazer a defesa do elemento não-didáctico; a preocupação didáctico-moralista persiste em asfixiar a obra literária para crianças, impondo-lhe o desempenho de funções que não são exigidas ao trabalho literário para adultos. Poucos, pouquíssimos mesmo, são os autores suficientemente libertos dessa pressão para se entregarem à criação de obras tendo o valor estético como prioridade absoluta.» (47)

(4) A título de exemplo, não podemos de deixar de referir algumas destas colecções, de grande êxito editorial — *Uma Aventura*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, da Editorial Caminho; de Álvaro Magalhães, *Triângulo Jota*, das Edições Asa; de Maria do Rosário Pedreira e Maria Teresa Maia Gonzalez, *O Clube das Chaves*, da Editorial Verbo; *O Bando dos Quatro*, de João Aguiar, das Edições Asa; *Os Super-4*, de António Avelar de Pinho e Pedro de Freitas Branco, da Editorial Presença, entre outras.

Referências bibliográficas

CORREIA, Carlos, MENÉRES, M.ª Alberta, ROCHA, Natércia, (1987), *O mistério do falcão azul*, Caminho Ed., Col. 1001 Detectives.

CORREIA, Carlos, MENÉRES, M.ª Alberta, ROCHA, Natércia, (1990), *O mistério das portas mal fechadas*, Caminho Ed., Col. 1001 Detectives.

ROCHA, Natércia, (1984), *Breve história da literatura para crianças em Portugal*, ME/ICALP, Biblioteca Breve, Série Literatura.

ROCHA, Natércia, (1987), *Bibliografia geral da literatura portuguesa para crianças*, 1.ª ed., Lisboa, Ed. Comunicação.

ROCHA, Natércia, (1987), *O menino e o vento*, Livros Horizonte Ed., Col. Pássaro Livre.

ROCHA, Natércia, (1988), *No quarto da Rita*, Lisboa, Plátano Ed., Col. Caracol.

ROCHA, Natércia, (1988), *Uma nuvem entre telhados*, Plátano Ed., Col. O livro à mão.

ROCHA, Natércia, (1989), *Contos de Agosto*, Porto, Desabrochar Ed., Col. Desabrochar Contos.

ROCHA, Natércia, (1989), *Carrossel de palavras*, 1.ª ed., Plátano Ed.

ROCHA, Natércia, (1991), *Penas pelo ar*, Desabrochar Ed., Col. Gavião Dourado.

ROCHA, Natércia, (1991), *O menino de Guimarães*, Porto, Edinter Ed., Col. Contos da História.

ROCHA, Natércia, (1991), *O julgamento de Páris*, Porto, Edinter Ed., Col. Novas e Velhas Andanças.

ROCHA, Natércia, (1992), *Um gato sem nome*, Melhoramentos de Portugal Ed., Série Azulão.

ROCHA, Natércia, (1993), *Um segredo... dois segredos...*, Lisboa, Verbo Ed., Col. Terra Verde.

ROCHA, Natércia, (1994), *História de uma boneca*, 1.ª ed., Lisboa, Ed. Presença, Col. Ver e Ler.

ROCHA, Natércia, (1994), *História de um gato*, 1.ª ed., Lisboa, Ed. Presença, Col. Ver e Ler.

ROCHA, Natércia, (1996), *Histórias com gatos, cães e um automóvel*, Bertrand Ed., Col. Aladino.

ROCHA, Natércia, (1997), *Mimi e Ludovico*, Lisboa, Verbo Ed., Col. Terra Verde